

# MUSEU DA PESSOA

## História

### As Cartas

História de: [Giselle del Pino Guerra Tavares](#)

Autor: [Giselle del Pino Guerra Tavares](#)

Publicado em: 13/04/2007

### História completa

As Cartas Uma vez por semana o ritual se fazia. As cartas chegavam sempre na sexta feira. A mesma música na antiga vitrola dava à dor a dimensão de filme. Mas a verdade é que até hoje não posso ouvir aquela música que choro. Choro mais por ela do que por mim. Choro pelo amor que ela calou, que sufocou pelos anos. As cartas eram longas. Imagino até hoje o que poderia estar escrito. Ela apenas deixava escapar alguns comentários sobre lembranças a nós e o amor que ele teria para sempre. Mas as confidências, trocadas naquelas sextas feiras, só ela saberia. Conheceram-se muito jovens, meninos ainda. Ela não gostava dele...cheio de espinhas... Ele sempre apaixonado. Até que um belo dia ela se viu amando. Queriam casar-se. Ela 15 ele 19. Os pais dela não permitiram. Ela era geniosa e disse sim. Amaram-se numa tarde clara. Ninguém por perto. Sem testemunhas. Ele diz aos pais dela: Ela está grávida. Quero casar. Ela fez de propósito. Eu a conhecia. Sempre conseguiu o que quis. Ele, feliz, já era militar e sargento Ela tinha paixão pelo seu garbo, sua aura de alegria, sua inteligência... Ele via nela a beleza, a mãe dos filhos que queria (e seriam muitos), o amor verdadeiro e eterno. Enfim a casa, a filha, depois mais um (não davam tempo), e depois outro. 1964. Brasil. Revolução. Ele precisou fugir, largar a família com os sogros. Era um idealista. Não torturava. Não dizia sim ao terrorismo político daqueles dias de papéis trocados. Era a Revolução quem matava, podava, proibia. Um homem como ele jamais deixaria de ler Marx E depois de ler e concluir que o melhor era não calar, foi exilado para o Uruguai. Cartas que deveriam dizer de seu amor, de sua solidão, de seus valores tão roubados. Para um pai, a exclusão. O marido, o deserto da ausência da amada. Só as cartas. Deveriam se amar nas lembranças escritas. E a demora da resposta dela, que com certeza diria: eu também Planos para a volta, palavras cheias de esperanças de dias melhores. Reuniões na escola. Dia dos pais... E ela respondendo sempre ao que haviam combinado quando sonharam com seus destinos Estar sem ele deve ter sido difícil de mais. Eu sabia A realidade de ser vigiada, perseguida. Só as cartas lhe dava um lugar. Seu lugar e dele. A procura de seus beijos eu a via com as cartas nos lábios e suas lágrimas me contavam o que ela nunca me disse. Numa sexta feira a proposta: Nós iríamos viver com ele. Estava no Brasil, com um outro nome e num lugar longe. Não mais as cartas. Não mais as lágrimas. Ela iria poder viver o que sonharam.. Mas não seria assim Voltamos. Muito, para a família exposta. Torturas, mortes, fome, miséria. A separação, novamente foi inevitável. Agora, só as cartas Que voltaram, mais escassas, mais demoradas... Até que um dia...não mais Ele veio Quería a família No meio do caminho o mataram. Bateram em nossa porta e anunciaram o seu fim. Descobriram o nosso endereço, por uma carta que ele tinha no bolso. Ela se calou.

..... Depois de todos esses anos, continuo a vê-la na varanda, ouvindo a mesma música, lendo as cartas que modificaram para sempre o meu próprio destino. Sei que o amor que os uniu fez de mim os versos que publico. Ela lia solitária, as palavras de amor e de dor. Eu via suas lágrimas, seus sonhos perdidos. Eu lia seus pensamentos e isso não me fez melhor ou pior. Só deixei de ser criança. Ela, talvez, não soubesse, e nunca soube, que juntas partilhámos essa mágoa. Eu não sabia expressar. Só olhava a sua irremediável solidão. Eu fui o sim que ela disse ao amor. Tanto tempo depois ainda choro suas cartas, as palavras dele, que hoje adivinho. Quando a palavra se calou, ela também calou. E por muitos anos manteve-se quieta. Lembro-me que quando estava mal, quase para morrer, falou incessantemente dele e percebi no brilho fosco de seu olhar que as cartas nunca foram esquecidas, apenas ficaram guardadas. Sussurrei no seu ouvido uma poesia, escrita pela dor de sua ausência e pela vida que viveu. Seu corpo frio já não respondia nem sentia a emoção. Mas eu sabia que de certa forma ela me ouvia. E sei que sempre me ouvirá, nem que seja pelas cartas, que hoje escrevo, lembrando tantos amores que se perderam nessa guerra suja, impiedosa e abominável. Tantos filhos solitários, ensimesmados, temerosos Continuarei a escrever por nós, a história que ninguém contou.

(Extraído do livro Uma Tarde em Paris de Giselle Del Pino, lançado em março de 2006 na Bienal do Livro, onde falo de Paulo Guerra Tavares, morto pela Ditadura militar em 1972)